

Fall 10-1-2022

Em Sintonia com o Pe. Charles Duparquet: A sinodalidade como Inserção missionária católica na nova realidade social

Elochukwu Eugene Uzukwu C.S.Sp.

Follow this and additional works at: <https://dsc.duq.edu/horizontes-espiritanos>

Recommended Citation

Uzukwu, E. E. (2022). Em Sintonia com o Pe. Charles Duparquet: A sinodalidade como Inserção missionária católica na nova realidade social. *Horizontes Espiritanos*, 19 (19). Retrieved from <https://dsc.duq.edu/horizontes-espiritanos/vol19/iss19/7>

This Wellsprings is brought to you for free and open access by the Spiritan Horizons (English, French, and Portuguese) at Duquesne Scholarship Collection. It has been accepted for inclusion in Horizontes Espiritanos by an authorized editor of Duquesne Scholarship Collection. For more information, please contact beharyr@duq.edu.

Elochukwu Eugene Uzukwu, C.S.Sp.

O Pe. Eugene Elochukwu Uzukwu, C.S.Sp., é professor de Teologia na Universidade do Espírito Santo de Duquesne, em Pittsburgh, onde exerceu a Cátedra de Missiologia 'Reverendo Pierre Schouver, C.S.Sp. Perito em liturgia sacramental, eclesiologia e teologia de Deus, é editor do *Bulletin of Ecumenical Theology* [Boletim de Teologia Ecuménica] publicado pela Associação Ecu-
ménica dos Teólogos Nigerianos. Em 2018, o mais conhecido dos seus quatro livros, *A Listening Church: Autonomy and Communion in African Churches* [Uma Igreja à escuta: Autonomia e Comunhão nas Igrejas Africanas] (Maryknoll, Orbis, 1996, 2006), foi traduzido para polaco. Está também a preparar uma monografia actualmente a ser revista para publicação: *Memorializing the Unsung Slaves of the Church: Ecclesiological Investigations from the underside of History* [Comemorando os Escravos Esquecidos da Igreja: Investigações Eclesiológicas a partir dos bastidores da História].



EM SINTONIA COM O PE. CHARLES DUPARQUET: A SINODALIDADE COMO INSERÇÃO MISSIONÁRIA CATÓLICA NA NOVA REALIDADE SOCIAL

INTRODUÇÃO

Como devemos abordar este Espiritano dos Espiritanos, autodidacta, forte, tempestuoso e no entanto muito reflexivo, o Pe. Charles Duparquet, habitado por um muito espiritano e profundo fervor evangélico?

Esta breve reflexão sobre a sinodalidade na esteira de Charles Duparquet pretende sublinhar que Duparquet, como auditor e parceiro no processo sinodal, poderia ser entendido como tendo sido capaz de implementar no terceiro quarto do século XIX a perspicácia sinodal dum Papa Francisco no vigésimo primeiro. No seu discurso comemorativo do cinquentenário da instituição do Sínodo dos Bispos, o Papa Francisco lança luz sobre o assunto: "Uma Igreja sinodal é uma Igreja que presta atenção, que percebe que escutar 'é mais do que apenas ouvir'. Para o Papa, o sínodo é uma escola: "de se ouvirem uns aos outros em que todos têm algo a aprender". A percepção do papel da Igreja é fundamental para o carácter e as orientações da missão.¹ Em vez da representação clericalista de cima para baixo do catolicismo

1. Ver LOHFINK Gerhard, *L'Église que voulait Jésus*, Paris, Cerf, 1985.

pré-Vaticano II (uma definição instrumentalista errada da Igreja a que Yves Congar chamou "hierárquologia"), o Papa Francisco insiste que, na sinodalidade, "[...] os fiéis, o colégio de bispos, o bispo de Roma [estão] todos à escuta uns dos outros, e todos à escuta do Espírito Santo, o 'Espírito da verdade' (João 14: 17), para que saibam o que ele 'diz às igrejas' (Rev. 2:7)".² Duparquet e os espiritanos do século XIX estavam a experimentar a sinodalidade no seu terreno de missão e de trabalho pastoral espiritano.

O P. Duparquet (1830-1888) é, foi, uma encarnação do etos de Libermann. Duparquet seguiu de perto a orientação missionária evangelizadora e a eclesiologia de François Libermann (1802-1852). Isto tem como "pedra angular" (cf. Mateus 21,42) a emergência de clero local ou indígena - que é a "constante" garantida do enraizamento da Igreja em cada "contexto".³ Para assegurar que esta 'pedra angular' fosse adoptada, e nunca 'rejeitada', Duparquet professou uma profunda fé na educabilidade dos africanos, dos *Pretos*, e perseguiu-a até à sua concretização. Os Pretos são parceiros de pleno direito nas *Obras dos Pretos* (o trabalho dos/para/com os Pretos), emblemáticas da missão Espiritana.

Para Duparquet, como para Libermann, a participação inelutável dos *Pretos* nesta missão é o meio de realizar a "Igreja" desejada por Jesus.⁴ Ambos abraçarão o que Agostinho de Hipona se esforçou por explicar a Hesíaco de Salona (na Dalmácia) quando disse que "todas as nações", e não apenas "os romanos", se tornarão "a descendência de Abraão"!

Agostinho pergunta: "Mas como se cumprirá esta profecia: 'Todas as nações que fizeste virão e te adorarão, Senhor' (Sl 86,9)? A resposta inequívoca de Agostinho transmite para sempre uma visão eclesiológica e missiológica: "Porque não virão emigrando a partir do seu lugar de origem, mas pondo a sua fé no seu lugar de ori-

Duparquet
professou uma profunda
fé na educabilidade dos
africanos, dos Pretos, e
perseguiu-a até à sua
concretização.

2. Discurso do Papa Francisco na cerimónia de comemoração do cinquentenário da instituição do Sínodo dos Bispos, Sábado 17 de Outubro de 2015, em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2015/october/documents/papa-francesco_20151017_50-anniversario-sinodo.html. Ver igualmente: Yves Congar, *Lay People in the Church: A Study for a Theology of the Laity* [Os leigos na Igreja: Um Estudo para uma Teologia dos Leigos] (trans. Donald Attwater; London: Bloomsbury, 1957), 45, 47.
3. Following the suggestive work of [Na sequência do trabalho inovador de] Stephen B. Bevans and Roger Schroeder, *Constants in Context: a Theology of Mission for Today* [Constantes no contexto: uma teologia da missão para hoje] (American Society of Missiology series; Maryknoll: Orbis, 2004).
4. No *Memorando (Mémoire)* de 1846 que Libermann não submeteu à *Propaganda Fide* (a seguir designada *Propaganda*), ele seguiu a teologia do seu amigo, Jean Luquet, ao defender um clero e episcopado indígena. Ver Paul Coulon, « Un mémoire secret de Libermann a la Propagande en 1846? Enquête et suspense [Um memorando secreto de Libermann à Propaganda em 1846: Investigação e suspense] », em *Mémoire Spiritaine* 3 (1^{er} Semestre 1996), p. 41.

gem".⁵ Ao educar os líderes das igrejas nativas "nas suas próprias terras", Libermann-Duparquet, mais dum milénio e meio depois de Agostinho, estava em sintonia com este génio africano da teologia ocidental.

De facto, Duparquet fazia a pergunta retórica seguinte: "Devem as missões criar elas próprias um clero indígena?"⁶ A sua resposta era categórica: a missão em áreas centrais-chaves deve produzir um clero indígena para estender a missão a locais secundários (ou seja, cada igreja deve tornar-se missionária pela sua própria natureza).⁷

Curiosamente, a maioria dos Espiritanos (desde meados do século XIX até ao início do século XX) tinham profundas dúvidas sobre este projecto. Não acreditavam que a proclamação-recepção da fé pudesse ser realizada em colaboração com Pretos capacitados. Duparquet não só acreditou na intuição de Libermann e dos Espiritanos, como também a concretizou na África Centro-Oeste.

Este ensaio, em três partes, aborda, em primeiro lugar, a intuição espiritana de regionalização - permitindo a emergência dum "clero indígena" para assegurar o funcionamento suave e eficaz da igreja local. Aqui tocamos na paixão de Duparquet. Em segundo lugar, o ensaio examinará o complexo processo de troca criativa, por mais difícil que seja aderir ou concretizá-lo (no século XIX), quando o convidado (o missionário francês) se desloca não só ao longo das costas, mas também para o interior do continente africano, como o fazia o Duparquet. Esta *experiência de sinodalidade*, que vejo como um passo em direcção à reinvenção da socialidade, inspira-nós admiração. A interface entre anfitrião e convidado é revelada em fascinantes cadernos missionários. No entanto, a experiência exige também uma pausa e observações críticas à medida que o convidado se torna a vanguarda da colonização e da exploração. E em terceiro lugar, finalmente, o humanum, que nunca se deve perder de vista como critério da verdade do Evangelho e da evangelização espiritana, o humanum critica o ministério espiritano de evangelização. A complexa história da missão espiritana do século XIX revela realizações de 'valorização' sem paralelo do humanum e da sua 'traição'. A sua promoção permitiu o progresso dos

Duparquet
não só acreditou
na intuição de Libermann
e dos Espiritanos, como
também a concretizou
na África
Centro-Oeste.

5. See [Ver] St. Augustine, *Letters 156-210: Epistulae. The Works of Saint Augustine — A Translation for the Twenty-First Century* [Cartas 156-210 : Epistulae. As Obras de Santo Agostinho - Uma Tradução para o Século XXI] (vol. II/3; ed. Boniface Ramsey; New York: New York City Press, 1990) Letter 199: 12, 47 (page 350).

6. « Que les Missions doivent se créer elles-mêmes un clergé indigène? [" Que as Missões devem criar um clero indígena para si próprias?"] » (1877 Letter to the Superior General, Ignatius Schwindenhammer).

7. Charles Duparquet and Gérard Vieira, *Le Père Duparquet: Début de l'exploration en Afrique australe* [O Padre Duparquet: Início da exploração na África Austral] (vol. IV, 1877-February 1879 : From Landana to Omaruru; ed. Paul Coulon; Paris: Karthala, 2017), 59 – 60.

povos, o progresso da Igreja e da evangelização. A traição, especialmente o envolvimento inconcebível na escravidão e mesmo no tráfico de escravos, deve contudo ser indexada e denunciada de modo a que uma tal confusão catastrófica da "Boa Nova" com a depredação humana nunca se repita.⁸

A missão deve ser alimentada pela descentralização (a sinodalidade do Papa Francisco).

A. DUPARQUET E A EVANGELIZAÇÃO - VISANDO UMA PROMOÇÃO DA IGREJA LOCAL

O primeiro conflito memorável sobre a interpretação do legado de Libermann sobre as igrejas locais, através da formação de clero indígena que professaria e inspiraria a fé "nas suas próprias terras", ocorreu durante a primeira nomeação de Duparquet para o Gabão, na África Centro-Oeste (1857). Na sequência deste conflito, uma vez de regresso a França, Duparquet preparou um *Memorando* no espírito de Libermann - uma Carta ao Superior Geral — *sobre a organização da missão spiritana nas "Duas Guiné"*.⁹ A missão deve ser alimentada pela descentralização (a sinodalidade do Papa Francisco; o argumento de Agostinho sobre o acreditar "nas suas próprias terras") para que as decisões cruciais não necessitem do recurso constante ao Superior Geral.¹⁰

Contudo, foi no sudeste da África, em Bagamoyo-Zanzibar (1870-72), o lugar da segunda nomeação de Duparquet, onde ministrou durante dois anos frutuosa, que o plano pastoral-missionário spiritano foi elaborado em grande detalhe por todas as comunidades spiritanas da época. O grupo spiritano que

8. See {Ver} Johann Baptist Metz « Communicating a Dangerous Memory. » In *Communicating a Dangerous Memory: Soundings in Political Theology: Supplementary Issue of Lonergan Workshop Journal* ["Comunicação duma Memória Perigosa". In: Comunicando uma Memória Perigosa: Inquéritos em Teologia Política: Edição suplementar do Lonergan Workshop Journal], *Volume 6* (ed. Fred Lawrence; Atlanta, Ga: Scholars Press, 1987), 37 – 54, here 42. Metz developed his practical fundamental theology in Metz, *Faith in History and Society: Toward a Practical Fundamental Theology* [A Fé na História e na Sociedade : Rumo a uma Teologia Fundamental Prática] (Crossroads, 1980).
9. «The Two Guineas» encompassed three areas of enormous geographical extension: (1) Senegambia, i.e., from Senegal to Sierra Leone; (2) Septentrional Guinea, north of the equator; and (3) meridional Guinea, or Guinea as such, from the Kongo down to the Cape. Duparquet proposed to break them up into three. See Letter of February 15, 1862 [As "Duas Guineas" abrangeram três áreas de enorme extensão geográfica: 1) Senegâmbia, ou seja, do Senegal à Serra Leoa; 2) Norte da Guiné, a norte do Equador; 3) Sul da Guiné, ou Guiné propriamente dita, do Kongo ao Cabo. Duparquet propõe-se dividi-los em três. Ver carta do 15 de Fevereiro de 1862], 320 – 321.
10. Duparquet's Letter of February 15, 1862 (26 pages in A4) details the mission plan for the whole of Africa. Levasseur read the letter with pleasure and approval; note added. See Duparquet and Vieira [A carta de Duparquet do 15 de Fevereiro de 1862 (26 páginas em A4) detalha o plano da missão para toda a África. O Levasseur leu a carta com prazer e aprovação; nota acrescentada. Ver Duparquet e Vieira], *Le Père Duparquet, missionnaire ou explorateur? Lettres et écrits* [O Pe. Duparquet, missionário ou explorador? Cartas e escritos]. Tome I :1852–1865, *L'Obsession des colonies portugaises* [A obsessão com as colónias portuguesas] (Paris: Karthala, 2012), 315 – 337.

A realização da descentralização, uma experiência bem sucedida de sinodalidade.

ali se encontrava constituiu de facto a inauguração da igreja local em acção através da convocação do capítulo vice-provincial da missão: uma assembleia de dezasseis sessões realizadas entre 2 e 20 de Junho de 1870. Antoine Horner (superior, presidente), Charles Duparquet (secretário), Etienne Baur e Pierre Machon (membros) participaram. Este foi um evento único e eminentemente importante.

Na primeira sessão (2 de Junho), a primeira resolução adoptada logo no primeiro dia da reunião deu força jurídica a toda a Assembleia. Todos os membros da Missão da África Oriental "presumiram o consentimento da Casa Mãe" para "declarar" unanimemente que a Assembleia Geral era um verdadeiro "Capítulo Vice-Provincial",¹¹ o primeiro do seu género na Congregação dos Espiritanos. A decisão final do Capítulo, na sua décima sexta e última sessão a 20 de Junho de 1870, foi notável. Deu o mais alto reconhecimento eclesiástico à liderança do grupo missionário: o superior e chefe do grupo missionário deveria ser um bispo. A pompa, a ostentação e o grande respeito concedidos ao bispo eram comparáveis, num lugar missionário como Zanzibar, ao código de vestuário dos palácios, onde o sultão, vestido de prata e ouro, estava todo reluzente. Não houve nada de extraordinário nesta decisão final. Estava de acordo com a instrução da *Propaganda Fide* que "recomendava e defendia o aumento [do número] de bispos, na medida do possível nos próprios locais da missão".¹² Duparquet, secretário do capítulo vice-provincial, foi fundamental na obtenção de força jurídica para as decisões tomadas pela comunidade regional de Bagamoyo-Zanzibar; a realização da descentralização, uma experiência bem sucedida de sinodalidade.

O programa pastoral-missionário adoptado em Bagamoyo-Zanzibar (1870) tinha três elementos-chave:

- Ênfase na educação (o francês é adoptado como a língua de instrução).
- A preparação de aspirantes a seminaristas (os jovens rebentos do clero indígena) e futuras freiras.
- A evangelização do interior do país.

O programa acima referido coloca em melhor perspectiva a posição solitária de Duparquet sobre o clero indígena na sua primeira nomeação para a África Central (Gabão). Nas suas Cartas entre 1852 e 1865, expressou frequentemente a

11. Duparquet and [et] Gérard, *Le Père Duparquet, Lettres et Écrits* [O Pe. Duparquet, Cartas e Escritos]. Tome III : 1870–1876, *De l'Exil à Bagamoyo au succès de Lândana* [Do exílio em Bagamoyo ao sucesso em Landana] (Paris: Karthala, 2014), 16. Henceforth [A partir de agora,] *Duparquet, Lettres et Écrits: De l'Exil* [Duparquet, Cartas e Escritos: Do Exílio], 16.

12. *Duparquet, Lettres et Écrits: De l'Exil* [Duparquet, Cartas e Escritos: Do Exílio], 41.

sua firme convicção da necessidade imperativa de formar o clero local. Na sua Carta ao Superior Geral, Ignatius Schwindenhammer (28 de Setembro de 1857), esclareceu também porque era ele a única voz a defender esta missiologia e eclesiologia desde os primeiros dias da sua nomeação na África Centro-Oeste.

Ele deu uma visão geral dos seus pontos de vista eclesiológicos e missiológicos diametralmente opostos que existiam entre os Espiritanos:

*Naquela noite tomei a liberdade de dizer algumas palavras sobre o plano do Venerável Padre a respeito da hipótese da existência dum clero indígena. De imediato, todos se levantaram contra mim como se estivesse eu a proferir uma heresia. Afirmaram que se tratava duma hipótese inconcebível. E que o Venerável Pai estava morto de erro (sobre este ponto)*¹³.

Afirmaram que se tratava duma hipótese inconcebível. E que o Venerável Pai estava morto de erro (sobre este ponto).

O superior espiritano na altura, o Aimable Fourdiner, esperava que os africanos, uma vez ordenados, "levassem a fé ao interior de África.

Esta fé profunda de Duparquet na educabilidade dos *Pre-tos* para o sacerdócio, contrastando tão fortemente com a descrença dos seus confrades, é digna de lembrança nas memórias. É comparável à fé profunda da Anne-Marie Javouhey (uma amiga de Libermann), cujo exemplo vai aguçar a compreensão da posição firme de Duparquet. A incansável freira francesa, fundadora das Irmãs de São José de Cluny, atravessou a difícil "linha do género na igreja francesa", como observa Sarah Curtis, para intervir directamente "no terreno sacerdotal". A partir de Saint-Louis, no Senegal, em 1840, enviou três ou quatro jovens africanos para serem formados no Seminário do Espírito Santo em Paris - os jovens rebentos do clero indígena. O superior espiritano na altura, o Aimable Fourdiner, esperava que os africanos, uma vez ordenados, "levassem a fé ao interior de África, subindo o rio Senegal para terras onde os brancos dificilmente podem entrar por causa da intensidade do calor".¹⁴ ». Infelizmente, o sucesso foi apenas parcial, uma vez que os africanos foram incapazes de ultrapassar o racismo que reinava no seio do clero colonial. O que não deve escapar ao observador é que o Duparquet, tal como a

13. *Le Père Duparquet, Missionnaire Ou Explorateur?* 82 – 83.

14. Sarah Ann Curtis, *Civilizing Habits: Women Missionaries and the Revival of French Empire* [Hábitos civilizacionais : As Missionárias e o Renascimento do Império Francês] (New York : Oxford University Press, 2010), 206 – 207.

Javouhey (que ficou na África Ocidental durante dois anos), chegou às regiões costeiras de África naquele momento horrível, no nadir da definição euro-americana e da perseguição dos Pretos, dos africanos, considerados como Negros, como escravos sub-humanos. Este racismo alucinado garantiu o fracasso do ministério dos três sacerdotes de Javouhey vindos de St.-Louis. Até o Koren, um historiador espiritano, mostrou-se insensível ao racismo que atormentou o ministério destes padres africanos de Javouhey. O Pe. Moussa, o único a permanecer na ilha de Gorée (Senegal), afirma o Koren, "[...] regressou lentamente à vida dum selvagem". Depois, "[...] após a sua recondução a França, foi para o Haiti, que era então o último asilo para padres incómodos".¹⁵ A historiadora de Javouhey, Sarah Curtis, salienta que o Prefeito Apostólico de St.-Louis "... não tinha nada mais do que desprezo pelos padres nativos".

A sua obstinação em empenhar-se na tarefa de preparar o clero indígena africano como a "pedra angular" da igreja local, apesar de ter sido "rejeitado" por outros Espiritanos, deve ser aplaudida.

O Pe. Moussa era odiado pelo clero colonial "[...] pelo seu gosto pela música africana [...] por ter ensinado catecismo aos escravos (em Wolof, aliás)". "O Pe. Moussa, conclui Curtis, foi excomungado, partiu para o Haiti em 1853 e aí morreu [...] muito amargurado", em 1860.¹⁶ O acima exposto apenas confirma a difícil situação em que Duparquet, o discípulo de Libermann, se encontrava. A sua obstinação em empenhar-se na tarefa de preparar o clero indígena africano como a "pedra angular" da igreja local, apesar de ter sido "rejeitado" por outros espiritanos, deve ser aplaudida. No seu entendimento das *Obras dos Pretos*, a compra ou resgate de crianças escravas, e a sua educação, foi orientada para "plantar" e "regar", para esperar o "aumento" que Deus daria (1 Cor 3,6), o surgimento da igreja local. Para ilustrar o sucesso desta política, basta mencionar os dois primeiros padres criados e educados no centro missionário espiritano

A compra ou resgate de crianças escravas, e a sua educação, foi orientada para "plantar" e "regar", para esperar o "aumento" que Deus daria (1 Cor 3,6), o surgimento da igreja local.

15. Henry J. Koren, CSSp, *The Spiritans; a History of the Congregation of the Holy Ghost* [Os Espiritanos; uma História da Congregação do Espírito Santo], (Duchesne Studies Spiritan series; Pittsburgh: Duchesne University, 1958), 77 – 78, note 15.
16. Curtis, *Civilizing Habits* [Hábitos civilizatórios], 206-207.

em Landana. Originalmente, destes dois sacerdotes, um era um escravo remido (mais sobre esta situação na secção seguinte) e o outro um mulato, nascido do caso entre uma mulher africana e um homem europeu. O mulato, Louis de Gourlet, e o escravo redimido, Charles Maondé, foram ordenados em 17 de Dezembro de 1892 pelo Prefeito Apostólico de Loango, Dom Hyppolyte Carrie, um amigo e colaborador próximo de Duparquet. Enquanto Louis de Gourlet foi nomeado para Landana, onde apenas ministrou durante dois anos, tomado pela tuberculose, Charles Maondé por sua parte trabalhou em Loango durante quinze anos. Depois adoeceu, submeteu-se a uma operação em Paris e morreu a 20 de Junho de 1907. Foi enterrado no cemitério dos Espiritanos em Chevilly-Larue.¹⁷

Para apreciar o crescimento que Deus legou à fé teimosa dos Espiritanos da escola Duparquet-Libermann, temos de comparar Lândanacom a África Oriental, Bagamoyo-Zanzibar, onde, em 1870, foi estabelecido o plano detalhado de operações missionárias pastorais. Bagamoyo-Zanzibar teve de esperar mais de meio século depois de Lândanapara poder contar com os seus primeiros padres indígenas. Foi só em 1946 que puderam acolher os dois primeiros sacerdotes africanos (Lândana tinha tido os seus em 1896). Florentine Mallya escreve brilhantemente:

Um dos princípios missionários fundamentais do Libermann, [...] era fundar uma igreja local através da formação do clero local e ter Ordinários locais.

Os dois 'produtos puros' dos seminários júnior e sénior em Bagamoyo foram ordenados sacerdotes pelo Bispo Hilhorst. Desta forma, os Espiritanos cumpriram um dos princípios missionários fundamentais do Libermann, que era fundar uma igreja local através da formação do clero local e ter Ordinários locais¹⁸ (prefeito apostólico, bispo ou superior) o mais depressa possível.

B. INTERCÂMBIO CRIATIVO: MISSÃO COMO ESTÍMULO AO DIÁLOGO - RUMO A UMA NOVA SOCIALIDADE

A fé profunda e o compromisso de progresso para o nascimento duma igreja indígena local, um processo sinodal, a colaboração entre vários interlocutores que lutam para estar em harmonia com o plano divino na obediência da fé, estão entrelaçados em Duparquet com a maior atenção à ecologia.

Duparquet não considerava a salubridade ecológica como algo auxiliar do

17. See the biography of [Ver a bibliografia de] *Charles Maondé in Dictionnaire Biographique des Chrétiens d'Afrique* [Charles Maondé no Dicionário Biográfico dos Cristãos de África], <https://dacb.org/fr/stories/congo/maonde-charles/>, accessed May 23, 2022 [acedido em 23 de Maio de 2022].

18. Florentine Mallya, "Bagamoyo and the Spiritans ["Bagamoyo e os Espiritanos"]", *Spiritans Horizons*, 6 (2011), 13 – 24, here [aqui p.] 18.

projecto de concretizar as *Obras dos Pretos*. Era imperativo identificar os lugares mais saudáveis da África Ocidental, do Centro-Oeste, do Leste e do Sul que poderiam tornar-se centros de residência ou de recuperação para o missionário europeu, instrutor/formador da liderança emergente da igreja. O desejo de identificar e/ou ocupar estas áreas tornou-se uma fonte de informação inestimável sobre as condições climáticas de regiões como Grand Bassam (Costa do Marfim), Cape Coast e Accra (Costa de Ouro), Dahomey, Congo, Angola, África do Sudoeste, bem como sobre a fauna e flora destas regiões.

O relato cativante da localização de belezas naturais incomparáveis está reservado para a sua ascensão até às alturas do Monte Chella.

Relatando as várias experiências da sua viagem ao Gabão através de aldeias e cidades costeiras como Grand Bassam (Costa do Marfim), Duparquet, o explorador turístico, detalhou os povos, os costumes, a música e a dança, os instrumentos musicais feitos de presas de elefante, a abundância de obras de arte fascinantes e as produções artísticas que ele desejava ver adquiridas para o museu em Paris. Ele nota os perigos do país. Muito atento à segurança - alguns reis/chefes eram amigáveis, outros hostis aos franceses ou a outros europeus - Duparquet fornece informações úteis sobre o arsenal militar dos reinos. Ele foi seduzido pelas gigantescas canoas de guerra, "[...] canoas gigantes" (esculpidas no tronco duma única árvore). Cada um deles poderia ter 250 guerreiros. Entre a vegetação, as culturas cerealíferas e as raízes atraíram a sua atenção. Há uma vinheta interessante sobre a árvore-do-pão, que é muito produtiva e requer muito pouco trabalho humano: "Sete destas árvores plantadas ao nascimento duma criança vão alimentá-la durante a vida toda". Os agricultores franceses, ele entusiasmava-se, deviam ter inveja desta África; esta África que os viajantes, no entanto, denigrem como a obra de criação de Deus feita (iniciada) quando Deus já estava cansado das suas outras obras de criação!¹⁹

Nas suas *Lettres de Mossamédès* [Cartas de Moçâmedes] (centradas no interior de Angola), a apreciação das extraordinárias belezas naturais e lugares saudáveis para os missionários europeus é abundante. O botânico em Duparquet, uma disciplina que ensinou em França, explica que ficou encantado com a flora da África Centro-Ocidental e Sudoeste, identificando o que deveria ser transplantado para a sua pátria. Vieira, editor das *Lettres de Duparquet* [Cartas de Duparquet], regista a formação botânica de Duparquet e o excepcional interesse em botânica. O relato cativante da localização de belezas naturais incomparáveis está reservado para a sua ascensão até às alturas da serra da Chela. Aí, a beleza natural toma o centro do palco: a flora mais surpreendente e diversificada que um botânico poderia imagi-

19. Duparquet and [et] Vieira, *Le Père Duparquet, missionnaire ou explorateur?* [O Padre Duparquet, missionário ou explorador?] Tome I : 45, 48 (Letter from Gabon [Carta do Gabão], June 10, 1857).

O lugar é "[...] o mais encantador e pitoresco que já encontrei na minha vida".

nar. Na trilha do vale, a floração de várias flores transforma-se "[...] num paraíso terrestre para os botânicos". Um Duparquet encantado torna-se lírico: o lugar é "[...] o mais encantador e pitoresco que já encontrei na minha vida".²⁰ Sem surpresa, ao descrever o clima do reino da Huíla, o interior, as expressões típicas de Duparquet abundam: "É um lugar perfeitamente saudável" ou "Esta zona rural é perfeitamente saudável".

Considerava a Huíla muito preferível a Moçâmedes, e a qualquer outro lugar da África Ocidental, ou mesmo do resto de África, excepto o país dos Gallas.²¹ Tal admiração, tais hinos à beleza pelo visitante/convidado, evocam emoções de gratidão e apreço no leitor pelas valiosas notas de campo que foram felizmente preservadas. Embora se possa discordar de Anne Hilton que os relatos mais fiáveis do Kongo dos séculos XVI e XVII eram relatórios de campo enviados por capuchinhos italianos, ela tem razão em dizer que "[...] algumas das informações mais completas e fiáveis foram escritas em cartas a amigos íntimos em conventos na pátria".²² No caso do Duparquet, o relatório detalhado enviado ao Superior Geral e amigos em França, um diário de experiências diárias, fornece informações e encanta-os.

Este botânico missionário, etnógrafo (Le Roy diria antropólogo),²³ dá-nos notas inestimáveis sobre a África do século XIX, em benefício da África e da humanidade. Certamente, Duparquet tinha em mente a saúde e a segurança do europeu, ou seja, a adequação do lugar para os europeus. Por exemplo, Duparquet teve de modificar a sua idealização de Grand Bassam (Costa do Marfim) na sequência da elevada mortalidade dos marinheiros europeus devido à febre amarela, mendigando: "Que Deus nos preserve do estabelecimento da nossa residência lá [Grand Bassam]". Pois: "[...] parece, de facto, que este país não é habitável para os europeus".²⁴ No entanto, lugares como Cape Coast e Accra são identificados como

20. « The most picturesque and enchanting I ever met in life [O mais pitoresco e encantador que já encontrei na minha vida toda]. »

21. *Le Père Duparquet, Missionnaire Ou Explorateur? Lettres Et Écrits*. Tome II: 1866-1869, *espoirs et échec: de la mission en terre portugaise* [O Padre Duparquet, Missionário ou Explorador? Cartas e Escritos. Volume II: 1866-1869, Esperanças e fracassos: da missão em terras portuguesas] (Paris: Karthala, 2013), 141, 140 – 141 (Letter of February 3, 1867, from Mossamédès [Carta de 3 de Fev. de 1867, de Mossamedes]); 87 (Letter of October 20, 1866 from Capangombé [Carta de 20 de Out. de 1866 de Capangombé]).

22. Anne Hilton, « European Sources for the Study of Religious Change in Sixteenth and Seventeenth-Century Kongo [Fontes europeias para o estudo das mudanças religiosas no Kongo nos séculos XVI e XVII], » *Paideuma: Mitteilungen zur Kulturkunde* 33 (1987), 303.

23. Alexandre LE ROY, « Le rôle scientifique du missionnaire [O papel científico do missionário], » *Anthropos* 1/1 (1906), p. 3 à 10.

24. Duparquet and Vieira, *Le Père Duparquet, missionnaire ou explorateur?* [O Padre Duparquet, missionário ou explorador?] Tome I: 56 – 57, 58 – 63 (Letter from S^{te}-Marie de Gabon, Sept 28, 1857 [Carta de Ste-Marie de Gabon, 28 de Setembro de 1857]).

muito saudáveis. Durante a segunda viagem à África Centro-Oeste, insistiu que Cape Coast e Accra eram os locais mais adequados para estabelecer uma missão espiritana ou centros de recuperação na região da Costa de Ouro no Gana. A bordo do navio, forneceu uma descrição detalhada da Costa de Ouro e da residência do pastor protestante suíço Zimmerman e da sua família em Acra durante quase vinte e cinco anos.²⁵ É necessário fazer aqui uma pausa para reflectir sobre o desafio do encontro como "intercâmbio criativo". O idealismo evangelizador dos Espiritanos, os *Œuvres des Noirs* (Obras pelos Pretos) - promovendo, através da escuta do diálogo, uma nova socialidade - foi afogado em interesses concorrentes. O relato de Duparquet está demasiado ligado à colonização, aos seus sucessos, ou à falta deles, aos seus benefícios para a evangelização. Para manter em perspectiva a promoção humana, na missão espiritana, dum processo sinodal, o Espiritano poderia levar a peito as palavras de Franz Fanon: "Cada geração deve descobrir a sua missão, realizá-la ou traí-la, numa relativa opacidade".²⁶ A clareza e transparência em relação à missão estão ligadas à luta pela plena humanidade dos *Pretos*, com e pelos *Pretos*, como veremos na próxima secção. O relato de Duparquet, intimamente ligado à colonização e ao controlo nacionalista, tem o cuidado de registar:

A realidade da influência colonial ao longo da vasta região geográfica e etnográfica que se estende desde o Congo até ao Cabo inspirou Duparquet para mapear o território das missões espiritanas em três zonas.

- a população branca em Moçâmedes (com 2000 residentes brancos), ou em Lândana, com muitos residentes franceses, e sugerindo Lândana como centro da sociedade geográfica francesa;
- os chefes e reis amigos ou selvaticamente opostos ao colonizador europeu;
- uns belos desfiladeiros de montanha, assegurados por um guia militar português, pondo assim um travão aos selvagens de Mondombe que massacravam viajantes isolados.²⁷

25. *Le Père Duparquet* [O Padre Duparquet]. Tome III : 185–190, 191–193 (Sudan, August 21 and 22, 1873, respectively [Sudão, em 21 e 22 de Agosto de 1873, respectivamente]).

26. Frantz Fanon, *The Wretched of the Earth* [Os Malditos da Terra] (trans. Richard Philcox ; New York : Grove Press, 2004), 145.

27. « Sauvages *Mondombes* qui massacrent les voyageurs isolés [Mondombes selvagens que massacravam viajantes isolados]. » Duparquet and Vieira, *Le Père Duparquet* [O Padre Duparquet], Tome II : 104, 136.

Ao Superior Geral (carta de 27 de Janeiro de 1877), descreveu os portugueses em termos pouco lisonjeiros como "os demónios da África"..

A realidade da influência colonial ao longo da vasta região geográfica e etnográfica que se estende desde o Congo até ao Cabo inspirou Duparquet para mapear o território das missões espiritanas em três zonas: o Congo (francês), Angola (português), Cimbebasia (parcialmente colónia portuguesa, com a colónia do Cabo a sul).²⁸

As notas missionárias vêem a colonização como um primo próximo da evangelização. A África Ocidental Central, Sudoeste e Oriental eram mais o cenário de interesses conflituosos, de violência, do que de trocas criativas. A necessária cooperação com os portugueses nas suas áreas de influência nunca se transformou numa participação com eles. A reivindicação portuguesa à África Centro-Ocidental e Sudoeste, desde Luanda (Angola) até ao centro espiritano de Lândana, que Duparquet considerava ser francês, foi uma fonte de frustração. Ao Superior Geral (carta de 27 de Janeiro de 1877), descreveu os portugueses em termos pouco lisonjeiros como "os demónios da África". Isto complicou a missão dos Espiritanos, e tornou imperativa a abertura duma casa de formação espiritana em Portugal. As reivindicações de Portugal estavam, no entanto, condenadas ao fracasso devido à presença dos militares ingleses, franceses e holandeses.²⁹

No seu estudo meticuloso sobre a colonização da "costa e do interior da África Oriental", o historiador tanzaniano Kimambo identifica "quatro actividades [que] estavam intimamente associadas". Eram "o produto da expansão capitalista europeia resultante da revolução industrial":

- o investimento missionário na "abolição do tráfico de escravos" (onde teve lugar);
- a 'propagação do cristianismo';
- a exploração geográfica"; e
- o estabelecimento dum "negócio legítimo".³⁰

28. Duparquet and [e] Vieira, *Le Père Duparquet: Début de l'exploration en Afrique australe* [O Padre Duparquet: Início da exploração na África Austral], IV, 60 – 61.

29. Duparquet and [e] Vieira, *Le Père Duparquet: Début de l'exploration en Afrique australe* [O Padre Duparquet: Início da exploração na África Austral], IV, 41, 39-41.

30. Isaria N. Kimambo, « The East African Coast and Hinterland, 1845 – 80, » in *Africa in the Nineteenth Century until the 1880s. General History of Africa* (Volume VI; ed. J. F. Ade Ajayi and Unesco International Scientific Committee for the Drafting of a General History of Africa ["The Coast and Hinterland of East Africa, 1845-80", em África, no século XIX à década de 1880. História Geral da África (Volume VI; ed. J. F. Ade Ajayi e Comité Científico Internacional da Unesco para a Elaboração de uma História Geral de África]; Oxford; Berkeley, U.S.A.; Paris: Heinemann, University of California Press and Unesco, 1989), 234 – 269, here [aquí p.], 262.

Mesmo antes da chegada de Henry Morton Stanley [...], mesmo antes de Savorgnan de Brazza [...], os PP. Hippolyte Carrie, Charles Duparquet e Fortunatus Engel estavam a explorar, a cartografar e a ministrar nas costas e no interior da África Central Ocidental.

Se se admira a implantação da formação científica na exploração e na cartografia, na descrição detalhada da vegetação, clima, fauna e flora, não se deve ignorar a sua ligação com a questão da opressão e da colonização. O missionário precedeu com mais frequência o comerciante-colonizador. O historiador espiritano, Paul Coulon, não deixa dúvidas a este respeito. Mesmo antes da chegada de

Henry Morton Stanley ao Congo

(Stanley Pool), mesmo antes de Savorgnan de Brazza penetrar no interior da África Central (Congo Brazzaville), os PP. Hippolyte Carrie, Charles Duparquet e Fortunatus Engel estavam a explorar, a cartografar e a ministrar nas costas e no interior da África Central Ocidental.

O Espiritano viu-se assim na encruzilhada de interesses contraditórios.

Um missionário espiritano incansável e colonialista patenteado, o Bispo Prosper Augouard, Prefeito Apostólico do Congo Francês, chegou mesmo a empurrar o envelope até ao limite.³¹ Tempos complicados, por vezes até desperados. O missionário, no meio de interesses divergentes e conflituosos, de actores voluntários e involuntários, negoceia um campo de acção para a evangelização. Apaixonado pela "salvação das almas", o Espiritano viu-se assim na encruzilhada de interesses contraditórios, numa tentativa de salvar alguns a todo o custo (cf. 1 Cor 9,22).

Como poderia o crítico do século XXI não perguntar se as *Obras dos Pretos* dos Espiritanos incluíam os transportadores caravanistas, escravos, reis acorrentados, capturados e derrotados, mencionados nas notas de viagem ao lado do encantamento da flora e da fauna do sudoeste da África? Como desembaraçar o entrelaçamento do social, do religioso, do liberal-humanitário e da tão erosiva e abjecta exploração colonial?³²

31. Paul Coulon, « La "guerre des deux France" exportée aux colonies à travers l'exemple du Congo français (1890-1921), » in *L'anticléricalisme dans les colonies françaises sous la Troisième République: enjeux, acteurs et discours* ["A 'guerra das duas França's' exportada para as colónias através do exemplo do Congo francês (1890-1921)", em *O anticlericalismo nas colónias francesas sob a Terceira República: desafios, actores e discursos*] (ed. Philippe Delisle; Paris: Les Indes Savantes, 2007), 85 – 155, here [aqui p.] 90 – 91.

32. See [Ver] Jean Comaroff and John L. Comaroff, *Of Revelation and Revolution: Christianity, Colonialism, and Consciousness in South Africa* [De Revelação e Revolução: Cristianismo, Colonialismo e Consciência na África do Sul] (vol. 1; Chicago: University of Chicago Press, 1991); *Of Revelation and Revolution: The Dialectics of Modernity on a South African Frontier* [Revelação e Revolução: A dialéctica da modernidade nas fronteiras da África do Sul] (vol. 2; Chicago: University of Chicago Press, 1997).

C. MISSÃO E PROMOÇÃO HUMANA : DUPARQUET E A "MISSÃO ESPIRITANA POSTA À PROVA"

Quando a conversa sobre a sinodalidade, em consonância com Charles Duparquet, se volta para a força motriz da missão Espiritual aquela espiritualidade prevalecte ou orientadora do ministério de evangelização espiritano, logo a discussão torna-se mais árdua. O processo sinodal Libermann-Duparquet está a escutar o que se passa no terreno. O missionário não deve ser distraído pelos relatos depreciativos dos viajantes sobre a "África que nunca foi".³³ Francis Libermann, na sua *Carta Fundadora aos seus missionários* (19 de Novembro de 1847), dava a seguinte instrução

O missionário não deve ser distraído pelos relatos depreciativos dos viajantes sobre a "África que nunca foi".

Não escuteis as histórias destes viajantes costeiros quando eles vos contarem sobre as pequenas tribos que visitaram, mesmo que lá tenham ficado durante vários anos!

Como viajante missionário, Duparquet tinha contos alternativos que ridicularizavam a conversa da metrópole sobre uma África que teria sido criada quando o bom Deus se tivesse cansado. Os contos de Duparquet proporcionam um vislumbre da África Ocidental-Central e Sudoeste do século XIX. Contudo, a frase mais hesitante ou surpreendente na instrução de Libermann - talvez sem paralelo em qualquer manifesto missionário do século XIX - a mais difícil para Libermann-Duparquet e para todos os Espiritanos, é a seguinte:

*[...] despojai-vos da Europa, dos seus costumes, do seu espírito; fazei-vos negros com os negros, [...] para os formar como devem ser formados, não à maneira europeia, mas deixando-lhes o que é próprio deles; adaptai-vos a eles como os criados se adaptam aos usos, costumes e hábitos dos seus dono [...]*³⁴

Esta instrução foi revolucionária para o seu tempo, e até mesmo é tal para todos os tempos. De facto, é um ideal que nem Libermann e os seus pioneiros, nem os missionários espiritanos que se lhe seguiram, foram alguma vez capazes de

33. See [Ver] Dorothy Hammond and Alta Jablow, *The Africa That Never Was; Four Centuries of British Writing About Africa* [A África que nunca foi: quatro séculos de escritos britânicos sobre África] (New York: Twayne Publishers, 1970).

34. O tradutor traduziu aqui do texto original de Libermann (tal como consta da Carta de Libermann à comunidade de Dakar e Gabão em 19 de Novembro de 1847), in COULON, BRASSEUR, *Libermann 1802-1852, Une pensée et une mystique missionnaires* [Libermann 1802-1852, Um pensamento e uma mística missionários.], Cerf, 1988, p. 516-519, ici p. 518).

A plena humanidade dos Pretos, a sua liberdade, nomeadamente através da emancipação [...], garantindo o civismo e o autêntico catolicismo [...], era difícil de aceitar.

alcançar. É um foco de atenção sobre a ligação íntima entre a Boa Nova e a liberdade humana (Is 52:7). Libermann-Duparquet e sucessivas gerações de Espiritanos lutam para ver a sua realização final. Eles contemplam-na! Eles nunca chegam lá! Empatia, simpatia, para com os *Pretos* era/é inquestionavelmente espiritana. No entanto, a plena humanidade dos *Pretos*, a sua liberdade, nomeadamente através da emancipação (abolição da escravatura), garantindo o civismo e o autêntico catolicismo (como defendia Alexandre

Monnet em Bourbon), era difícil de aceitar, de reconhecer. Era até mesmo perigosa. Numa carta a Libermann, Levavasseur deplorou a miséria dos *Pretos* (que constituíam mais de metade da população de Bourbon, a actual ilha da Reunião); afirmou que a sua eventual liberdade, longe de reduzir a sua "miséria moral", apenas a aumentaria.³⁵ Pois: "nunca ninguém pensa na salvação das suas almas". Foi uma preocupação semelhante que inspirou Libermann a avisar o Levavasseur (1844) na sua controvérsia com o Ministro do Interior da Reunião. O Levavasseur não deveria dar a impressão de apoiar a "revolta dos escravos" e a "emancipação":

No seu Memorando à Propaganda Fide de 1846, Libermann, embora reconhecendo os efeitos positivos na Europa dos movimentos em favor dos Pretos [...], é bastante céptico em relação aos movimentos que aliviam o corpo e não a alma.

*Tenho a certeza de que nunca disseste nada que fizesse suspeitar que queres revoltar os escravos e pregar a emancipação. As nossas Regras são demasiado formais nesta matéria.*³⁶

Não é surpreendente que, no seu *Memorando à Propaganda Fide* de 1846, Libermann, embora reconhecendo os efeitos positivos na Europa dos movimentos em favor dos *Pretos* (a abolição é presumida mas não mencionada), seja bastante céptico em relação aos movimentos que aliviam o corpo e não a alma. Estes mo-

35. « Rennes, March 8, 1839 » *Notes et Documents* [Notas e Documentos] I, 635.

36. Arsène AUBERT, « Libermann et les Maîtres d'Esclaves! [Libermann e os Mestres de Escravos!] » (2001). https://digital.library.duq.edu/digital/api/collection/spiritan-articles/id/2679/page/0/inline/spiritan-articles_2679_0 (Citing, Fr. Libermann, Letter to Frederick LeVavasseur, May 26, 1845 (*Notes et Documents VI*, 203-204) [Citação do Padre Libermann, Carta a Frédéric LeVavasseur, 26 de Maio de 1845 (Notas e Documentos VI, pp. 203-204).])

vimentos deixam transparecer a mão providencial de Deus ("a acção do próprio Deus"). Mesmo assim, tais alívios para a sua felicidade, dirigidos por sociedades humanitárias e comerciais, com inimigos da Igreja trabalhando lado a lado com os Pretos, "...podem tornar-se perniciosos e desastrosos para as suas almas".³⁷ A prioridade da missão é a salvação das suas almas.

Na veia de Libermann, um Duparquet poderia ter receado que a marinha britânica, perseverando nos seus esforços de abolição na África do Sudeste, pudesse pôr em perigo as *Obras dos Pretos* (ao aumentar o preço dos escravos).³⁸

As raízes de Duparquet no legado de Libermann merecem mais reflexão. Apesar da mudança de atitude do catolicismo francês do século XIX em relação à "abolição" - com "[...] centenas de clero católico, incluindo três bispos" tendo assinado o trato abolicionista do Martinico Auguste Bissette³⁹ — Libermann permaneceu firmemente simpático, mas inflexível. Distribuiu voluntariamente o tracto, mas recusou-se a aderir ao mesmo. Com excepção do Alexandre Monnet (nono Superior Geral dos Espiritanos), os Espiritanos e o Duparquet nunca aderiram à abolição.

Duparquet, com os seus ouvidos no chão (na África centro-oeste, sudoeste e oriental), caminhava (no estilo sinodal) para levantar agentes locais/indígenas de evangelização..

Duparquet, com os seus ouvidos no chão (na África centro-oeste, sudoeste e oriental), caminhava (no estilo sinodal) para levantar agentes locais/indígenas de evangelização. As crianças escravas foram compradas e educadas em Lândana, como em Bagamoyo-Zanzibar. As escolas de Lândana tinham como objectivo os 'nascidos livres', 'mulatos' e 'crianças escravas'. "A 'compra ou resgate' de crianças para venda (numerosas na região de Boma no Congo), o resgate de crianças escravas provenientes de comerciantes ('compra', 'comprar', 'resgate', 'comprar de volta', 'venda' são os termos utilizados por Carrie e Duparquet) constituem a referência

Com excepção do Alexandre Monnet (nono Superior Geral dos Espiritanos), os Espiritanos e o Duparquet nunca aderiram à abolição.

37. Paul Coulon and [et] Paule Brasseur, eds., *Libermann (1802 – 1852): Une pensée et une mystique missionnaires* [Libermann (1802 - 1852): Um pensamento e uma mística missionários] (Paris: Editions du Cerf, 1988), 231 – 232. ["poderia tornar-se pernicioso e desastroso para as suas almas".]

38. Duparquet and [e] Vieira, *Le Père Duparquet* ["O Padre Duparquet]. Tome III, 80.

39. See [Ver] Seymour Drescher, « British Way, French Way: Opinion Building and Revolution in the Second French Slave Emancipation [Seymour Drescher, " O Jeito Britânico, o Estilo Francês": Formação de Opinião e Revolução na Segunda Emancipação Francesa de Escravos],» *The American Historical Review* 96, 3 (June 1991) 721.

Apoiar a "compra" de crianças-escravas é impedir "que os povos que encontramos compreendam a ideia frutuosa da liberdade humana"..

das *Obras dos Pretos*.

Esta política espiritana de compra de crianças-escravas levantou algumas sobranceiras - um aviso do Cardeal Prefeito de *Propaganda Fide*, Mieczyslaw Halka Ledochowski, ilustrou algumas das preocupações: numa visita *ad limina* a Roma em Abril de 1896, o Cardeal perguntou ao Prefeito Apostólico do Congo Francês, Hippolyte Carrie, se a compra de crianças-escravas não dava a impressão de participar no comércio de escravos. Então aconselhou a Carrie sobre como evitar tais impressões.⁴⁰ Savorgnan de Brazza, administrador colonial do Congo francês, que não era amigo dos Espiritanos, era categórico: "[o] 'humanitarismo' dos Espiritanos é inseparável do tráfico de escravos. Todos os envolvidos neste caso - crianças-escravas, comerciantes e compradores - não tinham ilusões. Tratava-se "duma mudança de dono, não duma mudança de condição".

Apoiar a "compra" de crianças-escravas é impedir "que os povos que encontramos compreendam a ideia frutuosa da liberdade humana".⁴¹ O Ministro das Colónias, afirmava ele, deveria suspender a ajuda financeira (para os vapores) dada ao bispo espiritano Prosper Augouard. Duparquet e a comunidade tomaram medidas extraordinárias em Lândana para remover qualquer ambiguidade sobre o seu envolvimento no tráfico de escravos.

Para além dos "nascidos livres", "mulatos" e "crianças-escravas", dentro do complexo da missão, também compravam adultos - "escravos da missão", literalmente tratados como tal. Aqueles que tentavam fugir, "aqueles que fugiram", recapturados com a ajuda dos habitantes (muito bem pagos), eram colocados no pelourinho (correntes de ferro, 'libambou' ou 'libambo' em português). Poderiam ser vendidos ou trocados com crianças-escravas de outros colonos-esclavagistas brancos.

Para além de trabalharem nas suas quintas e nas fazendas das missões, poderiam também servir como guardas ou polícias para proteger os colonos missionários-esclavagistas espiritanos.⁴²

Aqueles que tentavam fugir, "aqueles que fugiram", recapturados com a ajuda dos habitantes (muito bem pagos), eram colocados no pelourinho (correntes de ferro).

40. Coulon, « La « guerre des deux France ["A 'Guerra das Duas França's"] », 100-101, note 256.

41. Coulon, « La « guerre des deux France », 100. My translation [tradução do autor]..

42. Duparquet and [e] Vieira, *Le Père Duparquet* [O Padre Duparquet]. Tome III : 375-387. Duparquet had difficulty explaining the use of funds for *les Oeuvres des Noirs* for this cat-

Duparquet adoptou o processo sinodal - educar os Pretos (por vezes em profundo desacordo com outros confrades), o que permitiu a emergência do clero indígena.

Duparquet e os seus colegas estavam apaixonadamente empenhados na evangelização, na tradição da Libermann, a "salvação das almas". Para o conseguir, Duparquet adoptou o processo sinodal - educar os *Pretos* (por vezes em profundo desacordo com outros confrades), o que permitiu a emergência do clero indígena, que por sua vez evangeliza o interior ("a igreja peregrina", diz o Vaticano II, "é missionária pela sua própria natureza").⁴³ Este programa, centrado na emergência dum clero indígena e duma igreja local, assegurou o empoderamento dos *Pretos*.

E finalmente, Duparquet era radicalmente aberto, voluntariamente vulnerável ao impacto da África. A sua grande paixão? O seu ministério no querido Congo; um ministério que mais tarde se estendeu à Cidade do Cabo e até mesmo a Zanzibar-Bagamoyo. Prova desta sensibilidade à geografia africana é a fantástica efusão com inspiração proveniente da flora e da fauna - dando origem aos hinos do século XIX ao planeta terra, "...a nossa casa comum". Os Espiritanos reinventam esta sensibilidade nos seus compromissos do século XXI para com a integridade da criação. Esta homenagem à terra gera vinhetas sobre os povos, a diversidade das tradições e das artes que os Espiritanos ainda praticam nas muitas áreas do seu ministério.

E no entanto, tal como os seus homólogos euro-americanos no século XIX, Duparquet não conseguiu estender os seus hinos à glória das pitorescas terras africanas até aos *Pretos*. A plenitude da "honra e dignidade", a plenitude da hu-

CONCLUSÃO

A prestação evangelizadora de Charles Duparquet e dos seus colaboradores próximos (Hypolyte Carrie e outros) exige uma reavaliação crítica da experiência missionária espiritana, em particular um interrogativo sobre a socialidade.

Duparquet e os seus colegas estavam apaixonadamente empenhados na evangelização, na tradição da Libermann, a "salvação das almas". Para o conseguir, Duparquet adoptou o processo sinodal - educar os *Pretos* (por vezes em profundo desacordo com outros confrades), o que permitiu a emergência do clero indígena, que por sua vez evangeliza o interior ("a igreja peregrina", diz o Vaticano II, "é missionária pela sua própria natureza").⁴³ Este programa, centrado na emergência dum clero indígena e duma igreja local, assegurou o empoderamento dos *Pretos*.

Os Espiritanos reinventam esta sensibilidade nos seus compromissos do século XXI para com a integridade da criação. Esta homenagem à terra gera vinhetas sobre os povos, a diversidade das tradições e das artes que os Espiritanos ainda praticam nas muitas áreas do seu ministério.

egory [O Padre Duparquet. Volume III: pp. 375-387. Duparquet teve dificuldade em explicar a utilização de créditos para *Obras dos Pretos* desta categoria].

43. *Ad gentes* 2.

manidade, viria a ser negada aos Pretos, negada aos corpos dos Pretos. Foi a sua melanina que os definiu como *Negros*⁴⁴ (escravos sub-humanos). Na busca das *Obras dos Pretos* espiritanas, qualquer reconhecimento parcial de humanidade, de empatia ou de compaixão pelos Pretos era inadmissível. Como prova do que está a ser dito aqui, alguns deles partiram para se refugiar em noutros espaços de liberdade; permaneceram católicos mas tiveram o cuidado de preservar a sua independência.⁴⁵

Na busca das Obras dos Pretos espiritanas, qualquer reconhecimento parcial de humanidade, de empatia ou de compaixão pelos Pretos era inadmissível.

Em resumo, hoje em dia, o processo sinodal, na linha directa de Charles Duparquet, requer uma profunda escuta mútua no Espírito, para aprender o que o Espírito está a dizer às Igrejas. A eleição de um Mu-Kongo, o Pe. Alain Mayama, como o

Vigésimo Quinto Superior Geral Espiritano, num sínodo-capítulo tipicamente espiritano, apela a um repensar da socialidade, em busca duma vida radicalmente humana.

Todos os Espiritanos discernem, através duma escuta intensiva, o que o Espírito está a dizer-lhes, e também às igrejas e ao mundo.

Com os seus ouvidos no chão, em comunidades e em vários lugares de ministério (entre os desfavorecidos, aqueles a quem é negada "honra e dignidade"), todos os Espiritanos discernem, através duma escuta intensiva, o que o Espírito está a dizer-lhes, e também às igrejas e ao mundo. Para que o exercício seja transformador, é adoptado como um processo de conversão.

Gradualmente e com determinação, os Espiritanos trazem à luz todos os elementos da sua história, todo o "já lá" da sua memória colectiva. Os Espiritanos

44. On the Enlightenment representation of Blacks as subhuman, see Andrew S. Curran, *The Anatomy of Blackness: Science & Slavery in an Age of Enlightenment* (Baltimore: Johns Hopkins University Press, 2011). Also Frantz Fanon, *Black Skin, White Masks* (1st ed.; New York; Berkeley: Grove Press, 2008) [Sobre a representação dos Pretos como sub-humanos no Iluminismo, ver Andrew S. Curran, *Anatomia da Negritude: Ciência e Escravatura no Iluminismo* (Baltimore: Johns Hopkins University Press, 2011). Ver também Frantz Fanon, *Black Skin, White Masks* (1^a edição; New York; Berkeley: Grove Press, 2008).], 128.

45. See the interesting study of Paul V. Kollman, *The Evangelization of Slaves and Catholic Origins in Eastern Africa* (Maryknoll, Orbis, 2005), 253 – 256. Forthcoming is my monograph on the matter: *Memorializing the Unsung Slaves of the Church — Ecclesiological Investigations from the Underside of History* [Ver o interessante estudo de Paul V. Kollman, *Evanangelização de Escravos e As Origens Católicas na África Oriental* (Maryknoll, Orbis, 2005), 253-256. Estou actualmente a preparar uma monografia sobre o mesmo assunto: *A Comemoração dos Escravos Desconhecidos da Igreja - Investigações Ecclesiológicas a partir dos Bastidores da História*].

Eugene Elochukwu Uzukwu,

Uma vez que
é obra do Espírito,
"não podemos presumir
do seu fim!"

acreditam no Espírito Santo e confiam nele! Sem dúvida, o historiador da missão Andrew Walls tem razão: este processo "tem hoje um começo", hoje, quer dizer em nossos dias, mesmo que seja um novo começo; no entanto, uma vez que é obra do Espírito, "não podemos presumir do seu fim!" ■

*Elochukwu Uzukwu, C.S.Sp.,
Universidade Duquesne do Espírito Santo.
Pittsburgh, PA, Estados Unidos.*

